



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS: I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA

DORALICE AMANCIO DA SILVA

**EUFRÁSIO (S) DE ARRUDA CÂMARA: UM ESTUDO DE CASO DAS RELAÇÕES
DE PODER DAS ELITES LOCAIS NA PARAHYBA (1850 - 1923)**

CAMPINA GRANDE- PB
2017

DORALICE AMANCIO DA SILVA

**EUFRÁSIO (S) DE ARRUDA CÂMARA: UM ESTUDO DE CASO DAS RELAÇÕES
DE PODER DAS ELITES LOCAIS NA PARAÍHYBA (1850 - 1923)**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento á exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientador: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE- PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Doralice Amancio da.
EUFRÁSIO (S) DE ARRUDA CÂMARA [manuscrito] : um estudo de caso das relações de poder das elites locais na Parahyba (1950 - 1923) / Doralice Amancio da Silva. - 2017.
47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História da Paraíba. 2. Oligarquias. 3. Coronelismo. 4. Nova história política.

21. ed. CDD 981.33

DORALICE AMANCIO DA SILVA

**EUFRÁSIO (S) DE ARRUDA CÂMARA: UM ESTUDO DE CASO DAS
RELAÇÕES DE PODER DAS ELITES LOCAIS NA PARAHYBA (1850- 1923)**

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Licenciatura Plena
em História, da Universidade
Estadual da Paraíba em
cumprimento á exigência para
obtenção do grau de graduado.

Aprovada em 12/10/2017

Bruno Rafael de A Gaudêncio

Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/UEPB
Orientador

Jordan Gomes Queiroz

Prof. Me. Jordan Gomes Queiroz /UEPB
Examinador

Luiz Carlos dos Santos

Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos /UEPB
Examinador

Ao meu filho Davi Lucas, meu alicerce,
minha vida, e aos meus pais, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter mim dado força pra poder continuar diante dos obstáculos que surgiram ao longo desses anos. Mas unicamente ao meu filho Davi Lucas a quem eu agradeço pelo amor incondicional e pelos dias que me esperou quando estive ausente.

Ao meu orientador Bruno Gaudêncio pela paciência e maestria em que esteve sempre disponível quando precisei e solicitei de suas contribuições neste trabalho. Ao professor Iordan Queiroz pelas sugestões de leituras e percepções importantes, aos nossos mestres a quem muitas vezes nos espelhamos. A todos que fazem o Departamento do Curso de História pela presteza no atendimento quando foi necessário, aos funcionários do Fórum Afonso Campos pela educação e gentileza na qual fui recebida.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos Marcelo, Marcone e Marcos que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando durante toda minha vida e mais principalmente esses últimos meses. Minha amiga e tia Rosilda pelos momentos que juntas compartilhamos. As minhas amigas mais próximas a quem eu tenho tamanha admiração, Daiane pelo carinho e as risadas no caminho de volta pra casa e Letícia minha companheira de curso lá vamos nós vencendo, mas esta etapa. A todos os colegas de sala que durante o curso aprendemos uns com os outros.

Aos meus alunos pelo carinho e por me renovarem a cada tarde enfadonha, depois de noites mal dormidas. A minha companheira de trabalho Socorro que esteve sempre disponível a ajudar quando precisei me ausentar e a senhora Fátima Silva a quem eu cultivo uma extrema gratidão.

“Aos centros das ilusões trazidas pelo poder se encontra a capacidade de escapar aos assaltos do tempo.”
(BALANDIER, 1982)

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo sobre relações de poder na Paraíba do Império à Primeira República, a partir das trajetórias dos coronéis Eufrásio(s) de Arruda Câmara, atuantes personagens políticos da Parahyba. Partindo da construção histórica e biográfica desses personagens que possuíam a marca do sobrenome e da descendência, objetivamos compreender as diversas relações de poder e as estratégias de sobrevivência das oligarquias, realizamos discussões sobre o poder da parentela como característica de continuidade e Herança imaterial, dentro de uma perspectiva teórica e metodológica da Nova História Política, em suas interfaces com a cultura. Para isso, realizamos uma série de pesquisas em arquivos e acervos públicos e pessoais, entrecruzando as fontes como forma de entender o fenômeno do mandonismo local em consonância com os embates e perseguições políticas, sobretudo o coronelismo aliado com as mobilizações familiares

PALAVRAS CHAVES: História da Paraíba, oligarquias, coronelismo, Nova História Política.

ABSTRACT

This research is a study of power relations in Paraíba from the Empire to the First Republic, from the trajectories of the colonels Eufrásio (s) of Arruda Câmara, active political figures of Parahyba. Based on the historical and biographical construction of these characters who had the surname and the offspring brand, we aimed to understand the various power relations and survival strategies of the oligarchies, we held discussions about the power of kinship as a characteristic of continuity and immaterial inheritance within a theoretical and methodological perspective of the New Political History, in its interfaces with the culture. To do this, we carry out a series of researches in archives and public and personal collections, intersecting the sources as a way of understanding the phenomenon of local mandonism in line with political clashes and persecutions, especially coronelismo allied with family mobilizations

KEY WORDS: History of Paraíba, oligarchies, coronelismo, New Political History.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Inventário de Eufrásio de Arruda Câmara	31
Figura 2 - Eufrásio Câmara	34
Figura 3 - Maria Amélia Cavalcante de Arruda Câmara	35
Figura 4 - Casarão da Fazenda Sapé	41
Figura 5 - Ruínas do engenho	42

LISTA DE SIGLAS

ADJFACCG Arquivo do Depósito Judicial do Fórum Afonso Campos de Campina Grande

FUNDARJ Fundação Joaquim Nabuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	APRESENTANDO O OBJETO DE PESQUISA	12
1.2	OS USOS DA BIOGRAFIA	15
2	EUFRÁSIO DE ARRUDA CÂMARA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UM PERSONAGEM	19
2.1	OS ALICERCES DO PODER LOCAL NA PARAÍBA IMPERIAL	20
2.2	A TEATRALIZAÇÃO DO PODER E OS EMBATES POLÍTICOS	24
2.3	EUFRÁSIO DE ARRUDA CÂMARA E O QUEBRA QUILOS	27
3	DO IMPÉRIO À REPÚBLICA: A HEGEMONIA DA PARENTELA	31
3.1	A HERANÇA IMATERIAL: CONTINUIDADE DO PODER POLÍTICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889 – 1930)	34
4	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTANDO O OBJETO DE PESQUISA

O presente trabalho pretende analisar as relações de poder das elites na Paraíba, mais especificamente a construção histórica e biográfica dos Coronéis Eufrásio de Arruda Câmara (1829-1877) e (?-1923) pai e filho, abastados agricultores e lavradores, senhores de engenho e donos de extensas terras nos municípios de Ingá e Campina Grande¹ na Província da Parahyba, onde exerceram influências política - administrativa.² A partir do recorte temporal de 1850 á 1923, onde detectamos a maior disponibilidade de fontes, principalmente nos jornais que circulavam na época.

No decorrer da pesquisa o prestígio adquirido ao longo do tempo pelo coronel Eufrásio de Arruda Câmara, o primeiro atuante enquanto liderança oligárquica entre 1850 á 1877 é algo visivelmente perceptível, quando se trata das tomadas de poder nas relações sociais. A relevância deste personagem que atuou durante a Paraíba Imperial será estudada em suas mais diversas tessituras de dominação, em consonância com o surgimento de interesses e os jogos políticos, a encenação e a teatralização do poder sob o imaginário social, poder este que foi transferido após sua morte para seu filho Eufrásio Cavalcanti de Arruda Câmara,³ surgiu à necessidade de vincular a extensão do outro como aspecto de continuidade e comparação.

O trabalho com esse tipo de temática, dando enfoque ao coronelismo não é algo inédito na historiografia paraibana, no entanto, este se torna pioneiro em razões de que até então, a trajetória individual destes personagens ainda não havia sido realizada e acabou se tornando uma das principais inquietações na pesquisa. Foi em uma das visitas ao antigo casarão na Fazenda Sapé, zona rural de Matinhas incumbido de memórias e afetividades, sob um olhar perceptível e instintivo de

¹ Estas espacialidades municipais concentravam diversos municípios atuais, entre eles Matinhas, Alagoa Nova, etc. no agreste e brejo paraibano.

² Ver site www.araujo.eti.br, uma pesquisa realizada por Fabio Arruda Câmara durante 10 anos em cartórios, livros, igrejas e entrevistas sob propósito de construir a genealogia da família Arruda Câmara.

³ Diante das impossibilidades e divergências de fontes não foi possível encontrar a data exata de seu nascimento.

pesquisadora, que surgiu à necessidade de resgate do passado e do contexto histórico.

Na Paraíba oitocentista tornou-se prática comum a força das elites locais que influenciavam a dinâmica social a partir de suas ações e representações, foram nomeados homens no intuito de estabelecer e manter a ordem, na mesma conjuntura em que a lógica do mandonismo, e a justiça senhorial privado estavam em sua amplitude muito presente. No século XIX era alto o índice de violência principalmente no interior da Parahyba, fazer justiça com as próprias mãos se constituíam em diferentes formas de vingança em que os embates políticos e as rixas pessoais eram resolvidos na bala ou na peixeira.⁴ Característica que se perpassou durante a Primeira República em que as relações eram caracterizadas pelos tons de hostilidade.

A abordagem da temática biográfica no campo historiográfico abre possibilidades de construção e reconstrução de identidades em sua dimensão temporal, analisando a complexidade, fatos e mais, sobretudo buscar detalhes e “verdades” não perceptíveis. Sob o propósito de revelar a influência e o poder da narrativa, como esta se constitui ao longo do tempo, e como certas representações de indivíduos acabam por se perpetuar na história, o principal meio de embasamento metodológico das fontes serão em torno da análise de notícias de periódicos do século XIX, depoimentos, inventário e fotografias.

O historiador trabalha com fontes e os periódicos nos oferecem uma gama de subsídios para engendrar por caminhos que possibilitem a inserção de novas abordagens. “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.” (Pinsky in Luca, 2005, p.128) No lugar de “retorno” do político parece mais apropriado usar revivescência ou renovação, sobretudo suas aproximações e cruzamentos entre as vertentes da História cultural.

As ambigüidades e hesitações que marcaram os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes, a venalidade sempre denunciada, o peso dos interesses publicitários e dos poderosos do momento também podem ser

⁴ Sobre a importante obra (LIMA, Luciano Mendonça de.) Cativos da “Rainha da Borborema”: uma História social da escravidão em Campina Grande-século XIX - Recife: o autor, 2008, p.83-113

apreendidos a partir de determinadas conjunturas⁵, os periódicos como importante fonte de conhecimento, para construir a “enciclopédia do cotidiano,” repleta de intencionalidades e características de múltiplos aspectos da vida social e política, em um jogo de interesses muito complexos.

A Nova História Cultural permitiu dar voz e vez aos fatos e indivíduos, ao conceder inúmeras alternativas em transformar restos do tempo em História; constitui no resgate de sentido conferido ao mundo e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas.⁶ Por se tratar de um longo espaço temporal onde há muitas lacunas, incertezas e racionalidades limitadas, os autores sociais defrontam nas minúcias, o estudo dos vestígios a partir do método indiciário por Carlo Ginzburg nos dar as diretrizes para sistematizar os indícios e tecer as explicações; nessa mesma perspectiva Levi (2000), realizou sua pesquisa diante da análise de informações fragmentadas localizadas as margens da sociedade, as migalhas do cotidiano para, sobretudo oferecer embasamento no conceito que ele denomina de “Herança imaterial”, o que pode ser detectado para além dos documentos e fontes oferecidos, considerando os sentidos, traços isolados, causas, as estruturas de pensamentos, estratégias, e os poderes invisíveis.

O autor Lima (2008) em sua tese “Cativos da “Rainha da Borborema”: A História Social da Escravidão em Campina Grande no século XIX” enfoca as relações de poder e o papel de atores que atuavam em torno da corte e em seus arredores, as tensões sociais apresentadas nos diversas formas dentro dos espaços de sociabilidade.

Durante o trabalho irei discutir os alicerces do poder, está será norteado pelos conceitos de Foucault, no livro *Microfísica do poder* (1982) que sob o propósito de mostrar como este age em sua perspicácia diante das práticas do cotidiano e das relações, em suas diferentes formas de se reinventar mostrando propriamente a perspectiva do real diante das estruturas e Balandier (1982) em sua obra *Poder em cena* discute as mais variadas redes de relações, e que este age na tentativa de buscar efeitos e moldar o imaginário social, na esfera entre o público e o privado possui diferentes formas e significações, no âmbito simbólico se transforma e sofre

⁵ PINSKY (org) in Luca. Fontes Históricas. (2005)

⁶ Discussão realizada por PESAVENTO, 2003, 3 ed. p.09

suas metamorfoses. Esses dois autores possuem óticas diferentes, o primeiro estabelece uma relação mais filosófica quando o mesmo faz o movimento de adentrar em questões discursivas e reflexões do saber numa concepção pós estruturalista, e o segundo entrelaçado ao campo antropológico, numa perspectiva cultural de observação micro sociológica.

Por fim, as contribuições de Linda Lewin (1993) em seu trabalho *Política e Parentela na Paraíba* estudam o poder das oligarquias e as bases familiares apoiados na parentela e nos laços consangüíneos sob o objetivo de ampliar as redes de dominação e poder, nessa mesma perspectiva estudos de Serioja Cordeiro Rodriguez Mariano (2005) em seu trabalho *Gente opulenta e de boa linhagem* discute as mais variadas redes de relações de prestígio e dominação.

É sobre estes aspectos dentro dos limites e possibilidades que se insere a pesquisa, por se tratar de uma figura pública com suas peculiaridades nas relações cotidianas e sociais, implica tecer e buscar em seu sentido mais amplo as margens do poder e prestígio, e a constituição da memória deste que possuiu uma consonância histórica singular.

1.2 OS USOS DA BIOGRAFIA

Construir uma Biografia não significa apenas colecionar informações, vai muito além, quando se reconstrói a trajetória individual de um personagem implica tecer explicações, resgatar o passado, problematizar os contextos e laços sociais, engendrar por caminhos que estabeleçam conexões, e vias de acessos a problemas e questões muito mais amplos. “Os desafios lançados pela escrita biográfica vai além dos estudos de uma trajetória individual e se escrevem na possibilidade de se compreender, escrever ou construir a história” (Avelar, 2007, p.57) assim permite recuperar as tramas sociais, realizar e reconstruir o vivido no campo das possibilidades. O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados negligenciáveis remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente⁷.

A renovação do gênero Biografia ainda é muito recente esta causou resistência e tensões por parte da Nova História, os Annales fizeram duras críticas a essa maneira de fazer História, pois era considerada idealista e factualista. Os historiadores deveriam se ater aos acontecimentos do meio coletivo, fazer história

⁷ (GINZBURG, Carlo) 1989, p.152

implicava rejeitar o factual, o episódio, o indivíduo. “O retorno da biografia colocou o analista a uma série de problemas e controvérsias epistemológicas e conceituais que demarcam uma reorientação do indivíduo.” (Avelar, 2007, p46). A chamada crise dos paradigmas estruturalista metodologicamente implicava no recuo da história quantitativa e serial, no avanço dos estudos de casos e micro história.⁸ “No seu lugar começava a aflorar a consciência de que nosso conhecimento do passado é inevitavelmente incerto, descontínuo e lacunar, baseado numa massa de fragmentos e ruínas.” (Ginzburg, 2007, p. 4)

A História Política em proximidade com a História Cultural permitiu que a Biografia ganhasse um novo sentido, é necessário descobrir os fios, tecer a trama geral, prestar atenção em elementos recorrentes, o historiador passou a se preocupar com novas abordagens, outros problemas. Numa perspectiva simbólica constituiu em suas diversas formas de representar o mundo, a explicação da lógica das significações em suas singularidades. “Imagens dotadas do poder mágico de fazer crer, de parecerem verdade, de se substituírem ao real, de serem capazes de inverter as relações sociais, fazendo com que os homens vivam por e no mundo das representações.”⁹ significa estudar o social a partir de uma gama de inter-relações na reconstrução de períodos históricos a partir de fragmentos e enfim reconstruir o quebra cabeça da dinâmica da História.

A partir do final do século XIX o historiador passava a explorar outros domínios ligados a política, as crenças, as relações, valorizando o regate empírico e o trato com as fontes, em consonância com diálogo e reflexão de outros campos de saberes. Para Revel (1998, p.22) consiste em levar a sério pequenas migalhas de informações e tentar compreender de que maneira cada detalhe individual, e os retalhos de experiências dão acesso as lógicas sociais e simbólicas, sobretudo fazer aparecer a multiplicidades das experiências, a pluralidade de seus contextos de referências e as contradições internas e externas das quais elas são portadoras, segundo o autor interpretar os níveis das situações vividas pelos atores, às imagens, os símbolos para justificar as condições históricas dessas pessoas na época em que seus comportamentos foram observados, significa construir em torno de alguns personagens precisos aqueles que o seu espaço social dar conta das incertezas de suas escolhas, das conjunturas do momento, entender a singularidade de uma

⁸ (SCHMIDT, Benito Bisso) 1997 p.5

⁹ PESAVENTO, 2003, p. 14

época, estudar a sociedade e os acontecimentos é assim encarregados de reproduzir a ordem social.

Ao longo de mais ou menos dois milênios contar a história de vida de alguém era algo distinto de uma história, serviam para dar exemplos morais, negativos e positivos. Mudou - se a perspectiva no trato com as fontes e seus indícios. Por intermédio das vozes que chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas vozes documentais.¹⁰ O passado se torna um presente de “outrora”, ou seja, um sistema de contextos que nunca param de agir uns sobre os outros e com os quais os indivíduos tecem cada qual seu próprio tema¹¹ Para Ginzburg (2007, p.287) os documentos não são neutros eles devem ser lidos como um produto de uma relação específica, profundamente desigual. Para decifrá-los devemos aprender a captar por trás de uma superfície lisa do texto um sutil jogo de ameaças. Devemos aprender a desembaraçar os fios multicores que constituem o amaranhado desses diálogos, diante da leitura minuciosas dos indícios permite tecer os fios num mero dado concreto, pois há minúcias que só o historiador ver.

A pesquisa biográfica de um indivíduo é sobretudo diminuir os níveis das escalas de observação, partir de uma série de indícios em busca do novo, do inesperado. “por trás desse paradigma indiciário entrave- se o gesto mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama que escruta as pistas das presas”. (Ginzburg, 1889, p.154) significa buscar o indício do resto significativo no intuito de buscar interesses, destinos e escolhas. Para Levi (1999 apud Revel, 1999, p.20) “convidam a não se deixar subjugar pela tirania do fato consumado — “aquilo que efetivamente aconteceu” — e a analisar as condutas, individuais e coletivas, em termos de possibilidades, que o historiador pode tentar descrever e compreender.”

A importância de estudar o social não como um objeto dotado de propriedades, mas sim como uns conjuntos de inter - relações que se movimentam dentro e diante das múltiplas experiências humanas, sobretudo de enxergar o indivíduo em um campo de constante mutação e adaptação. “Admitamos que, ao

¹⁰(PINSKY, Carla Bassanezi) Fontes históricas. - 2. Ed. 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008.

¹¹REVEL, 1998, p.54

limitar o campo de observação, façamos surgir dados não apenas mais numerosos, mais re-finados, mas que, além disso, se organizam de acordo com configurações inéditas e fazem aparecer outra cartografia do social.” Levi (apud Revel, 1999, p. 33)

1. EUFRÁSIO DE ARRUDA CÂMARA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UM PERSONAGEM.

Eufrásio de Arruda Câmara nasceu em 1829, segundo filho de Antônio Duarte Carneiro de Siqueira e Ana de Arruda Câmara, casou-se com Francisca de Mendonça Furtado em Timbaúba- PE, desta união tiveram uma filha, posteriormente em 1854 na província da Paraíba uniu-se em matrimônio com Joaquina Teófila Bezerra Cavalcanti de Albuquerque, no qual tiveram seis filhos.¹² Este segundo matrimônio foi com uma integrante dos Cavalcanti de Albuquerque, família abastarda na Paraíba do século XIX, assim conseqüentemente possibilitou uma determinada expansão dos eixos de poder e extensão familiar.

O agricultor Eufrásio de Arruda Câmara era tenente coronel Chefe do Estado Maior da Guarda Nacional de Campina Grande, cavaleiro da rosa, e no Ingá onde por muito tempo residiu, exerceu decisiva influência no PARTIDO CONSERVADOR¹³, ocupou em Campina Grande todos os cargos de eleição popular, foi sempre ali delegado de polícia e suplente de juiz municipal, era o senhor de engenho de Cabaças.¹⁴ Sua influência social e política abrangiam vínculos em todo o agreste e brejo, com predomínio comercial diante de uma larga produção de açúcar para atender o comércio de exportação, enquanto a produção de rapadura e aguardente era de intenso consumo entre a população local.

Sua parentela possuía linhagem e raízes familiares de personalidades que adquiriram grande importância na cultura, ciência e na política imperial. Segundo o genealogista Fábio Arruda¹⁵ sua mãe foi bisneta do capitão-mor de Pombal Francisco de Arruda Câmara que nasceu por volta de 1730, pai do Manuel de Arruda Câmara cientista botânico, médico, religioso, revolucionário, maçom, nasceu no ano de 1752 na cidade de Pombal, fundou a areópago de Itambé uma sociedade maçônica que abrigava intelectuais na Paraíba e de Pernambuco inspirados em idéias iluministas provenientes da França, este classificou a flora paraibana produzindo inúmeros trabalhos científicos sobre botânica¹⁶.

¹² Ver www.araujo.eti.br, genealogia pernambucana.

¹³ O Partido Conservador na Paraíba foi criado em 1837; fortaleceu a autoridade do governo imperial em conseqüência a submissão das representações políticas locais. (NASCIMENTO, 2009, p. 21)

¹⁴ Informação extraída do Jornal O Recife, sexta- feira, 27 de julho de 1877;

¹⁵ Informação retirada do site: <https://genaell.net/pt/fórum/66591/família-arruda-camara/> 18/ 11/ 2017

¹⁶ O parque zobotânico Arruda Câmara em João Pessoa foi nomeado em homenagem a Manuel de Arruda Câmara.

A história de vida de um personagem nos oferece inúmeras possibilidades em juntar e construir contornos de um grande jogo social e político, uma herança na qual pode-se decifrar os comportamentos e as escolhas, sobre esses parâmetros Levi (2000, p.18) afirma: “durante a vida de cada um, aparecem ciclicamente, problemas, incertezas, escolhas, enfim uma política da vida cotidiana, cujo centro é a utilização das estratégias das normas sociais.” o autor retrata a dinâmica de uma história que pensamos conhecer diante das ameaças individuais que pesam as incertezas das relações com os grupos sociais, a conservação da sobrevivência biológica e o status social.

2.1 OS ALICERCES DO PODER LOCAL NA PARAÍBA IMPERIAL

Os coronéis exerciam grande influência, privilégio, domínio em todas as opções locais no regime onde as oportunidades de vida são limitadas e a liberdade de trabalho é restrita, no entanto é necessário pensar alguns conceitos que alicerçavam essas redes de relações e a configuração de seus domínios, a identidade do homem paraibano, o seu modo de ser, a bravura, bem como a fundamentação de suas relações sociais, as terras que pertenciam, as riquezas e os cargos que ocupavam.¹⁷

O regimento de um ator político com poderes absolutos sob a representação dos coronéis significava o fortalecimento da prática do mandonismo que se estabeleceu como forma de domínio de uma política tradicional, para os grandes proprietários de terras e potentes locais, o ato de mandar e desmandar tornou-se parte do sistema dessas oligarquias. Segundo Carvalho (1997) o mandonismo refere-se à existência local das estruturas organizadas e personalizadas de poder. Os domínios dos proprietários rurais não se limitavam as extensões de suas fazendas exerciam forte influência no comércio local e de exportação e em diferentes âmbitos da sociedade, por terem um potencial demográfico relevante, serem proprietários e senhores de engenho tornava-se um artifício de dominação e prestígio.

Segundo Mariano (2005, p.181), as patentes militares era algo freqüente nas famílias abastardas da Paraíba e se constituía como uma forma de status social, em sua grande maioria os grandes coronéis associavam suas carreiras as armas para

¹⁷ Mariano (2005, p.2) retrata conceito de paraibanidade.

aumentar os laços de dominação, e controle estratégico. Esse tipo de prática se tornou comum na Paraíba desde o início do estabelecimento do império. Como foi o caso de Eufrásio de Arruda Câmara, agraciado pela patente de tenente coronel, Chefe do Estado Maior do Comando Superior da Guarda Nacional dos municípios de Ingá e Campina Grande e cavaleiro da ordem da rosa. As honras militares para os grandes proprietários, nada mais era do que gozar de privilégios e reafirmar seus vínculos com o poder local, pois os oficiais serviam gratuitamente e estava suscetível ao pagamento das patentes.

A preocupação com a ordem era um dos aspectos mais importantes desde o início do Império; de acordo com Lewin (1993) a criação da Guarda nacional em 1831 com intuito de fortalecer o poder central dependiam dos proprietários rurais para servirem como oficiais e realizarem seus recrutamentos. Ao logo do tempo foi ganhando considerável ascensão, nas pesquisas a cerca do estabelecimento da ordem na Província da Parahyba Raul Ferreira trás em seu livro *Relatos de Campina*, o Decreto nº 1.192, de 08 de junho de 1853 em sua ortografia original em que é organizado a Guarda Nacional do Município de Ingá e Campina Grande.

DECRETO N° 1.192 – de 8 de Junho de 1853

Organisa a Guarda Nacional dos Municípios do Ingá e Campina Grande da Província da Parahyba. Attendendo á Proposta do Presidente da Província da Parahyba: Hei por bem Decretar o seguinte: Art. 1°. Fica creado nos Municípios de Ingá e Campina Grande da Província da Parahyba, hum Commando Superior de Guardas Nacionaes, o qual comprehenderá dois Batalhões de Infantaria e oito Companhias cada hum, com a designação de nono e decimo do serviço activo, e huma Companhia, e huma Secção de Companhia do serviço da reserva. Art. 2°. Os batalhões terão as suas paradas nos lugares que lhes foram marcados pelo Presidente da Província, na conformidade da Lei. José Ildefonso de Souza Ramos, do Meu Conselho, Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios da Justiça, assim o tenha entendido, e faça executar, Palácio do Rio de Janeiro em oito de Junho de mil oitocentos e cincoenta e tres, trigesimo segundo da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de sua Majestade o Imperador (as) José Ildefonso de Souza Ramos. (FERREIRA, 2009, p.33)

No Império a Guarda Nacional tornou-se a grande instituição patrimonial que ligou proprietários rurais e o governo¹⁸. O periódico *O Publicador* (ano VII, 1868, n. 1733) toma ao conhecimento de todos que o coronel Eufrásio de Arruda Câmara, tendo sido reformado Tenente Coronel Chefe do Estado Maior do comando superior

¹⁸ Carvalho, José Murilo de. "Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual." V. 40 n.2 (1997).

de Campina Grande, substitui o coronel Honorato da Costa Agra¹⁹, a receber as respectivas patentes para serem entregues aos seus donos e pagos seus direitos a que todos eles são obrigados, anteriormente no ano 1865, o mesmo periódico noticiava sua dispensa dos serviços prestados. É importante salientar que a gratuidade em exercer os serviços públicos não garantia estabilidade e a qualquer momento poderiam ser dispensados, por consequência de disputais ou perseguições.

Freqüentemente ocorriam as alianças políticas e familiares para que houvesse a ampliação do poder local, sobretudo fixar sua dominação concretizava-se a partir das alianças políticas, o clientelismo em seu nível local estava na capacidade de barganhar e fazer trocas de favores, além de efetivar os chamados acoitamentos e a proteção de criminosos, nesta lógica o Tenente coronel não era diferente, como mostra o periódico *O Liberal* de Pernambuco:

Custo a crer que na época de civilização em que nos achamos se vejam quatro assassinos de profissão, como os filhos de Sebastião Lino, vagando impunes e perpetrando cada passo assassinatos e furtos, sem que as autoridades se importem e até muitas delas dando-lhes escandalosa proteção, conservando-se a governo surdo a quantos clamores levantam-se e eles continuando na carreira do crime, depois de perpetrá-los se homesião na casa das próprias autoridades como acaba de suceder na Vila do Ingá, que depois do fato que se deu contra José Bezerra, consta que estes malvados tem estado na casa do juiz municipal suplente em exercício daquele termo Eufrázio de Arruda Câmara lhes dá sua valiosa proteção.²⁰ (O LIBERAL, 1854, p.1\2)

O periódico ainda retrata o sentimento de indiferença que Eufrázio de Arruda Câmara trata o ocorrido e por está a favor dos assassinos em questão. Sebastião Lino também era Tenente Coronel e os favores entre os próprios proprietários se caracterizavam como prática comum. A Província da Paraíba estava marcada por altos índices de criminalidade: "(...) se destacavam justamente os crimes contra pessoas e a propriedade, de longe os campeões nas estatísticas criminais de época." (Lima, 2009, p.93) segundo o autor a violência cotidiana no Estado Imperial era potencial e se manifestavam em todas as forças pelos indivíduos presente em todos os lugares da província, a falta de punição estava por uma série de circunstâncias.

¹⁹ A cerca dos estudos de (LIMA, 2008), o Coronel Honorato da Costa Agra foi o homem detentor de maior riqueza em Campina Grande no século XIX.

²⁰ O Liberal de Pernambuco (1854 Ed.587(1)p.2)

O controle social para os potentes locais poderia se transformar em objetos de barganha, a proteção dos seus aliados, as rixas pessoais e os conflitos políticos ocasionados pelas divergências partidárias e por estarem inseridos num contexto social em que a concentração de riquezas, bens e propriedades eram um fator determinante. Segundo Lewin (1992, p.21) A oligarquia na Paraíba se baseou numa combinação de lealdade personalística, recrutamento e mobilização familiar.

Os indivíduos e grupos contavam com a colaboração dos homens de influência e o poder da parentela, como foi o caso do fato narrado pelo noticiário jornal *O Publicador* em 23 de agosto de 1865. Na noite do dia 22 o subdelegado do Ingá Manoel da Costa Travassos dirigiu-se com uma escolta ao lugar Cachoeira da Cebola, para prender ali desertores, e recrutados, vadios, réus de polícia que em grupos praticavam insolências contra os cidadãos pacíficos, como lhe informado mesmo por um vermelho, que disse lhe veio queixar. Os filhos do capitão Francisco de Arruda Câmara irmão do Tenente Coronel, se acharam cercada a casa do seu pai, coisa que eles achavam que ninguém ousaria, nessa ocasião dois de seus filhos foram conduzidos a cadeia de Ingá em que foram recolhidos. Na madrugada do dia vinte e três, às três horas foi à cadeia acometida por um grupo de trinta homens, que á achando-a com uma pequena guarda arrombaram as portas e tiraram os presos, dando gritos enfurecidos de: - Quem quiser que bote a cabeça fora. Ficou a vila alarmada com tal escândalo, os vermelhos da terra queriam mostrar que possuíam muitos soldados. “Não é possível que os homens pacíficos assim sujeitos aos bacamartes dos assassinos encorajados por uma facção política, que com seus artigos os vai inocentando.” (*O Publicador*, ano IV, n.893)

Francisco de Arruda Câmara então foi preso e em seu depoimento negou ter participado da ação, e que estava sendo vítima de perseguição por ser um homem de política diversa. “Eufrásio de Arruda Câmara teria chamado seu irmão de covarde, pelo fato de não ter-lhe esperado para ir junto soltar os dois recrutados e em seu lugar “deixar o subdelegado amarrado com cordas”.” (Lima, 2009, p. 92).

O poder é uma grande teia de relações marcada pelos anseios, desejos e interesses, é muito mais complexo do que se imagina, penetra profundamente muito

sutilmente em toda a trama da sociedade²¹. Age na perspicácia de produzir efeito, assim o próprio indivíduo é produto dessas relações considerando suas características, multiplicidades, movimentos, forças. “Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super – ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil”. (Foucault, 1982, p.84)

2.2 A TEATRALIZAÇÃO DO PODER E OS EMBATES POLÍTICOS

Apesar das circunstâncias de acoitamentos e abusos, a disputa pelo domínio e sua manutenção viabilizava os jogos políticos, no grande teatro do poder permitiam-se gestos, falas e ações a serem encenados nos diversos espaços de sociabilidade, numa tentativa de moldar e causar efeitos no imaginário social. Segundo Balandier (1982) em sua obra *o Poder em Cena*, a persuasão do real sobre o imaginário penetra através dos indivíduos buscando-se atingir um sentido na dinâmica política, e o poder se torna um jogo dramático repleto de significados e intenções. “Todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos, entre os quais o que se comparam as ilusões criadas pelas ilusões do teatro.” (Balandier, 1982, p.6).

Eufrásio de Arruda Câmara teve seu nome vinculado em muitos embates e perseguições, os jornais que circulavam durante o século XIX tiveram uma grande contribuição para por em cena o jogo dramático do poder, sejam em sua defesa ou condenação, colocando como herói ou vilão. Sobre essas prerrogativas José Murilo de Carvalho em sua obra sobre a elite política imperial *A construção da ordem* argumenta que no império foi o período da história em que a imprensa foi mais livre e em sua maioria vinculados a organizações partidárias ou a políticas. “Os jornalistas lutavam na linha de frente das batalhas políticas e muitos deles eram também políticos.” (Carvalho, 2008, p.55) Os indivíduos que escreviam nos jornais e revistas eram membros da elite e não possuíam formação acadêmica de historiadores eram basicamente homens ligados ao poder.

²¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder: organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, v.4, 1989.

As várias tarefas desempenhadas por esses intelectuais subordinavam-se, não raro, às demandas políticas das facções oligárquicas proprietárias dos jornais e que igualmente detinham as chaves que controlavam o acesso ao cenário da política²².

O *Reformista* publica uma correspondência assinada por José Paulo Travassos de Arruda, datada no dia 27 de julho de 1850, Vila do Ingá, em que o mesmo toma ao conhecimento de todo o público, o procedimento das autoridades a cerca da demissão do Coronel Eufrásio de Arruda Câmara, realizada pelo Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, presidente da província da Parahyba naquele contexto, mediante a proposta do chefe de polícia Cláudio Manoel de Castro. Considerou tal procedimento justo, louvável e bem merecida à demissão que teve o ex-delegado, ainda ressalva:

Aquele demitido sem contestação por ser estúpido em toda extensão da palavra, para esta legal mudança não há termo comparável, porque ela é tão diversa entre si, como as trevas o são da luz meridiana. Os povos conceberam dela tanta satisfação que em conhecimento proclama divinos louvores á seus justiceiros autores com sobrada razão. Por que essa sábia e virtuosa mudança veio tirar do abismo há que o ex-delegado havia conduzido sem qualificado motivo. (O REFORMISTA, ed.48, Ano 1850, p.2\3)

O que torna perceptível é o teor dramático e trágico em que o caso é narrado, a característica de espetáculo retratado no discurso, está repleta de intenções de quem a escreve, a manipulação com as palavras beirando ao nível literário e poético. A opinião do outro às vezes encenado faz lei²³, a correspondência ainda enfatiza o gênio brutal e vingativo do Coronel Eufrásio e vai mais além:

As famílias aflitas continuamente a falta absoluta de seus queridos pais, sem destino corriam dia e noite em pavorosas por montes e vilas a fim de se afastarem da fúria do opressor, já hoje com sossego de espírito e cheios de prazeres, vêem seus chefes lançados tranqüilos e suas casas gozando da paz e do fruto de seus serviços²⁴. A agricultura e as artes já moribundas como estavam por faltar seus preciosos socorros, com o regresso dos seus professores hoje surgem vigorosas e que lhes veio dar a vida, a vila e todo

²² PINSKY, Carla Bassanezi (org.) in: LUCA, Tânia Regina de. História dos nos, e por meio dos periódicos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 124

²³ BALANDIER, 1982, p.23

²⁴ Um suposto estado de tranqüilidade social que as autoridades insistiam em ressaltar e propagar estava muito distante do real. A preocupação com a ordem foi um dos aspectos centrais da formação do Estado-nação no Brasil ao longo do século XIX, a ponto da temática se tornar uma verdadeira obsessão presente nas falas e atitudes das autoridades envolvidas na questão. MENDONÇA (2009, p.83)

seu município estavam completamente convertidos ao pranto, o desgosto e a dor, graças e sem mil graças sejam dadas por terem praticado o ato de eternos louvores.

O poder (ou certas formas de poder) é a recompensa daqueles que sabem explorar os recursos de uma situação, tirar partido das ambigüidades e das tensões que caracterizam o jogo social²⁵. A busca por efeitos sejam eles positivos e negativos buscam atingir uma verdade a partir do discurso, sobre essas perspectivas Balandier afirma “O grande autor político comanda o real através do imaginário.” (1982, p.6) A demissão do Coronel Eufrásio parece ter ocorrido por motivações políticas, o periódico *A Ordem: Jornal Político, literário e crítico (PB)*, se pronunciaram sobre a demissão:

Certo que o Sr.^a Bezerra só ouvisse alguns dos nossos, que não tiveram interesse em fazer certos favores, a vencer em determinado tempo não seria demitido o senhor Eufrásio de Arruda Câmara, delegado de Ingá e outros correligionários nossos dedicados e honestos para satisfazer a uma câmara, a uma sansão e a um travesso. (1850, p.2)

Certamente o ato de demissão instaurado sobre o Coronel causou efeitos, o grande espetáculo estava formado, o mesmo periódico *A Ordem: Jornal Político, Literário e Crítico* publicam a notícia intitulada de coragem Desmarcada, como resposta ao ato. Alguns trechos da correspondência evidência a preocupação com a imagem, diante dos acontecimentos:

Bem quisemos entregar ao desprezo tão pouco importante peça, mas que não fique o Sr. Travassos, senhor de um campo que imprudentemente se colocou procuraremos fazer sentir que as injúrias arremessadas ao homem honrado ressaltaram na cara do detrator, nos não pertence apreciar o ato de demissão do nosso amigo Arruda e pouco nos importam as razões que o moveram a dar- lhe, uma vez que não foram elas filhas das arbitrariedades e violência que o Sr, Travassos retratando ao nosso amigo, julga- se com o direito de ofender impunemente ao nosso amigo . Por que este agredido em sua casa por uma horda de assassinos e ladrões, que os despojaram de grande parte de seus possuídos tratou de persegui-los e capturá-los e talvez seja estes homens pais de família hoje diz o senhor Travassos estarem no seio de suas famílias. (1850, p.3)

O periódico reitera: E não se recorda senhor Travassos, que nosso amigo escapou a fúria e sanha de seus protegidos? Não se recorda de que essas feras até pretenderam assassinar sua inocente filhinha? E retoma indicando outras questões sobre as conseqüências da demissão: agora a muito que prosperar a agricultura

²⁵ LEVI (1999, apud REVEL, 1999, p.33)

com os papões de rezes alheias e ladrões de cavalos que infectaram esse termo. É importante salientar que o roubo de cavalos na Província estava em seu auge, (Lima, 2008) afirma que os roubos tornavam-se muito freqüente pela própria disseminação da criação entre os proprietários e por conseqüência era uma das bases econômicas da região, em sua maioria serviam como meio de transporte. Mas o que é importante também analisarmos é as estratégias do poder da palavra, com seus sentidos múltiplos condiciona a força de alienação e convencimento. Como afirma Balandier (1982, p.12) “Visam o efeito mais do que a informação e procuram a influência duradoura sobre os indivíduos, o que permite ao discurso político ter um conteúdo fraco ou repetitivo, pois o que importa é a maneira de dizer e de ser ambíguo; a polissemia assegura interpretações múltiplas de audiências diferentes”. O autor trata as situações e circunstâncias contribuem para acentuar a teatralidade política surgem com o intuito de compor no drama.

2.3. EUFRÁSIO DE ARRUDA CÂMARA E O QUEBRA QUILOS (1874 – 1875)

A reconstrução de um contexto histórico a partir de um personagem nos oferece possibilidades e subsídios para alçar vãos e estudar a grande teia de relações. O movimento está marcado por uma série de episódios que nos permitem percorrer caminhos possíveis para desvendar e ampliar os sentidos. Esses atores coletivos se afrontam, mas também se aliam de acordo com as possibilidades, elas mesmas em constante mutação.²⁶

O movimento Quebra Quilos tiveram lugar principalmente em Campina Grande, Ingá, Fagundes e em outras vilas circunvizinhas tendo iniciado em 1874, caracterizou-se por ser único e coeso, pois em cada semana ocorria em lugares diferentes, entre as causas que justificam os motins foram à centralização da política imperial que ocasionou o aumento e criação de impostos, a adoção do sistema métrico decimal e a mudança da lei do recrutamento militar.²⁷ Cada camada social atuou em sua singularidade sejam na esfera social, religiosa, ou política. Os grandes proprietários quando não atuavam diretamente ficavam na espreita apoiando a repressão.

²⁶ (LEVI, Giovanni) Herança imaterial, Editora Record, 2000, p. 29

²⁷ GURJÃO, Eliete de Queiroz e Lima, Damião de. (Orgs.) Estudando a História da Paraíba, 2 ed. Campina Grande, EDUEPB, 2001.

Alexandre Viveiros considerado um dos Líderes do movimento foi apreendido em uma diligência sob liderança de Severiano Martins da Fonseca na Vila de Alagoa Nova²⁸. Alexandre Viveiros no ato de sua prisão foi interrogado, e afirmou que o Eufrásio Arruda Câmara teria lhes aconselhado colocar piquetes por onde passaria as forças do governo, e que Viveiros era indigno em juntar pessoas para resistir à força. *O Cearense (1875)* retrata a situação da província naquele contexto, estava toda militarizada, Silvino, presidente da província estava resguardado dentro do palácio, segundo o jornal a título de manter a ordem pública que ele próprio alterou com suas medidas violentas exercida contra o povo cometendo excessos á torto e a direita. Eufrásio de arruda Câmara foi preso em uma dessas medidas:

Uma das primeiras vítimas do furor desse energúmeno foi o coronel Eufrásio de Arruda Câmara, aliás, conservador importante do segundo distrito; o senhor Silvino desconfiado que o Coronel Câmara fosse um dos cabeças dos motins em Alagoa Grande mandou prender a bordo da coverta de guerra. A vítima requereu habeas corpus ao juiz de direito da Capital que lhe concedeu. A prisão foi efetuada pelo próprio presidente do palácio. O senhor Silvino ficou furioso contra o honrado Juiz de direito e corria que dera ordens para ser novamente preso o Coronel Câmara e aliciava gente para depor contra ele, como chefe da sedição. (O CEARENCE, 1875, p.2)

O presidente da província Silvino Elvídio Carneiro da Cunha²⁹ entrou em conflito com o Juiz de direito Antonio de Souza Martins por ter concedido a soltura de Eufrásio de Arruda Câmara, o estopim da prisão foi por este ter pedido auxílio aos desordeiros de Campina Grande, e acusado também de aliciar matutos e guiá-los ao Ingá. Teria sido preso pelo próprio presidente dentro do palácio, escoltado por um oficial e dois soldados.

Não vi os fundamentos no despacho, mas o que me parece certo é que não se pode justificar a prisão do Major Eufrásio, homem de bem, proprietário abastado, e respeitável por muitos títulos, extremado conservador, ameaçado em sua vida por um dos desordeiros, o facínora Alexandre Viveiros. (O RECIFE, 1875)

O periódico *A Província: Órgão do Partido Liberal* noticia o ocorrido afirmando que a prisão era evidentemente ilegal, o Tenente Coronel não havia cometido crime algum e que tinha sido vítima da prepotência e que finalmente tinha encontrado a justiça.

²⁸ Correspondência da Presidência da Paraíba com o Ministério do Império, 11 de janeiro de 1875, cidade de Areia.

²⁹Ocupou o cargo de Presidente da província da Parahyba do Norte entre o período de (1874- 1876)

O que nos parece faltar foi extrair uma cópia dos autos para ser remetida ao supremo Tribunal de Justiça no ato de S.S para processar o presidente arbitrário que abusa tão as claras do poder que lhe foi confiado para oprimir de sua liberdade um cidadão distinto. (1874, Ed. 168, p. 1)

O presidente da Província incumbiu o juiz municipal de Alagoa Nova Inácio da Silva Coelho de arranjar pessoas que jurasse que o Tenente Coronel Eufrásio de Arruda Câmara havia participado do movimento em Alagoa Nova, para conseguir dirigiu-se a um português chamado de Custódio Domingos dos Santos que residia na cidade, para assinar um papel contra o Tenente Coronel, o mesmo se negou a exigência por não acreditar na veracidade, o juiz ainda tentou obrigá-lo afirmando que ele não podia se negar visto que morava em território de sua jurisdição.³⁰ (Carvalho, 1997) afirma que as tarefas exercidas pelo juiz de paz eram de extrema importância para o controle de cidadãos e para mediar à competição entre políticos e fazendeiros.

No ano seguinte em 1875 seu Filho Rozendo de Arruda Câmara foi preso acusado de ser um dos líderes dos movimentos sediciosos e conduzido para a capital³¹ juntamente com João Vieira da Silva, conhecido como João Carga d'água.³² Em seguida foram recolhidos a cadeia nas prisões destinadas ao gáles.³³ A prisão do seu filho parece ter sido concretizada por uma questão de vingança e perseguição do presidente da Província Silvino Elvídio Carneiro da Cunha. "O desastroso Sr. Silvino não podendo levar a efeito a sua vandálica perseguição contra o pacífico e honrado coronel, vinga-se no filho atirando entre os Gáles". *Jornal do Recife (1875, Ed. 42, p.1)*

O movimento Quebra Quilos foi norteador por intensas perseguições, o poder como forma de repressão culminou em intensas punições, chegando ao nível de cometer escrupulos e injustiças contra a população; sob um caráter político ocasionou a disputa entre os cidadãos "graúdos" e mais fortes politicamente, sobretudo entre aqueles que pertenciam a partidos distintos ou que não compartilhavam dos mesmos ideais. Na esfera entre o público e o privado as

³⁰ A Província: Órgão do Partido Liberal (PE) 1874, Ed. 168 (1)

³¹ O Globo: Órgão de Agência Americana Telegráfica dedicado aos interesses do comércio, lavoura e indústria, (RJ) 1875, Ed. 72, p. 1

³² O povo guiado por João carga- d' água rebelaram- se em Campina Grande, no dia da feira, quebrando os padrões lançaram os pesos no açude velho, dispersando-se em seguida. (RIBEIRO, Roberto da Silva). Pocinhos: O local e o geral, Campina Grande, 2003, p. 66

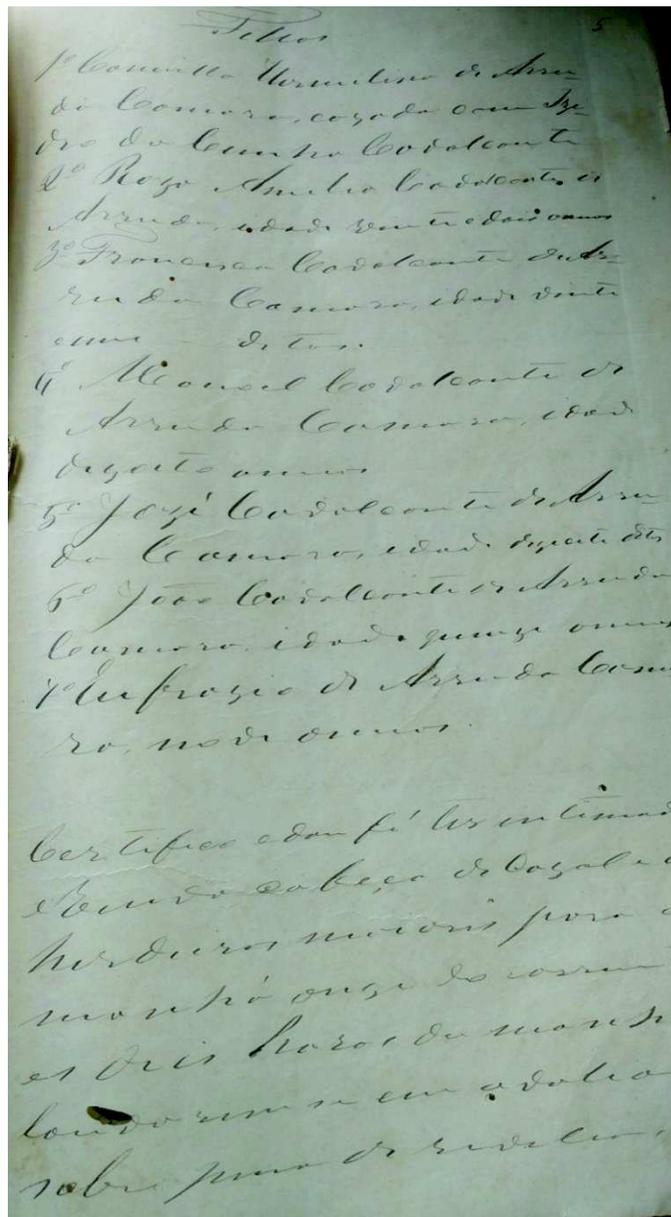
³³ Antiga sanção criminal em que os condenados cumpriam a pena de trabalhos forçados como remadores na gáles.

ressignificações do poder, os comportamentos e dominação surgem em suas infinitas faces. “Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força.” (FOUCAULT, 1982, p. 99)

3. DO IMPÉRIO Á REPÚBLICA: A HEGEMONIA DA PARENTELA

Eufrásio de Arruda Câmara um personagem emblemático, teve uma vida social e política agitada em que sua personalidade se auto configurava. Deixou uma herança vasta entre suas propriedades, uma extensa criação de eqüinos, cofres, a ser dividido aos sete filhos.

Figura 1: inventário do Coronel Eufrásio de Arruda Câmara



Fonte: Pesquisa documental ADJFACCG

Morreu no ano de 1877, em Campina Grande vítima de hidropisia³⁴, essa doença consistia pela caracterização de uma coleção de serosidade em uma cavidade qualquer do corpo ou tecido celular, ocasionando distúrbios na circulação sanguínea atingindo locais como perna, abdômen, olhos, entre outros. No contexto ano de sua morte, em 1877 estava sofrendo a Província da Parahyba como todo o nordeste por uma grande seca, a situação da Província não era das melhores, alguns locais e pontos havia falta de segurança, saqueava-se e roubava-se, bem como a falta de gênero alimentício e correntes migrações principalmente em Campina Grande. Algumas doenças se propagaram de uma forma epidêmica causando morte em índices elevados.³⁵

Coronel Eufrásio quando morreu deixou um montante de 71.286\$500 contos de réis, a ser dividido entre a viúva e os seus sete filhos, entre esses bens se destacava a propriedade denominada de Serra das Cabaças avaliada em 25.000\$ 000 contos de réis, além de servir de moradia para o defunto e sua família, também era uma fábrica de moer cana, com seus partidos e equipamentos necessários para a produção de açúcar³⁶. Atuou durante o Segundo Império no contexto em que esteve em grande amplitude a prática do mandonismo, diante das relações entre os coronéis e toda uma escala de dependentes e rivais, segundo Carvalho (1997) o mandonismo sempre existiu desde a colonização e se perpassou entre os coronéis que utilizavam de estratégias para expandir seus domínios.

Após sua morte o protagonista na cena política de muitos casos e acontecimentos foi um de seus herdeiros Eufrásio Cavalcanti de Arruda Câmara, atuou politicamente durante a Primeira República (1889 -1930), o coronelismo propriamente dito³⁷, um momento particular do mandonismo caracterizado pela reformulação do poder local em que os proprietários rurais vendo enfraquecidos seus poderios após a queda da monarquia e o fim dos partidos nacionais aliou-se ao estado na chamada política dos governadores³⁸ como forma de garantir o poder das oligarquias locais e a manutenção dos seus domínios, segundo Leal (2012) o

³⁴ Jornal O Recife, sexta- feira, 27 de julho de 1877

³⁵ Nos estudos de (CHAVES, Elisgardenia de Oliveira) As causas mortes de Limoeiro- CE (1870-1888) Silêncio interpretações e sentidos. Em Limoeiro-CE, referente à seca de (1877- 1879) a forte presença da hidropisia se manifestou de uma forma epidêmica.

³⁶ LIMA (2008, p. 69)

³⁷ O coronelismo é datado historicamente; ele surge em confluência de um fato político com uma conjuntura econômica. (CARVALHO, José Murilo de)1997 v. 40, n.2

³⁸ A chamada Política dos governadores constitui num elo que vinculava os poderes estaduais ao poder central, passando pelos poderes locais. GURJÃO (1999, p.55)

coronelismo foi uma forma peculiar de manifestação do poder privado, uma troca de proveitos entre o poder público e decadente influência social dos chefes locais. O processo histórico pelo qual o poder familiar foi absorvido como parte do interesse público enaltecidos pelas facções políticas que atuavam no sentido de regime fechado utilizando-se de estratégias eleitorais, decisões específicas e disputas á todo custo usando propriamente da violência quando julgavam necessário.

A República instalou-se de acordo com os princípios do Federalismo³⁹ permitindo liberdade aos estados para procederem de forma autônoma, tal autonomia significava, é claro liberdade de ação para os políticos de cada Estado, ampliando suas prerrogativas de poder a nível local, permitindo-lhes consolidar o “coronelismo” e reforçar as dominações dos grupos que comandavam a política local, ou seja, as oligarquias. GURJÃO (1999, p.54)

Nos municípios a autoridade dos coronéis se efetivou de maneira sólida como chefe político para este estava à prerrogativa em alcançar um grande número de eleitores no chamado voto de cabresto⁴⁰. Acabou se tornando um jogo de interesses múltiplos de poder, de estratégias, competição e disputas desde a esfera administrativa e política no intuito de conseguir cargos e social no controle do mercado e comércio de terra, a base da classe dominante estava a caráter do fazendeiro e senhores de engenhos. Para Leal (2012, p.60) o chefe local resvala muitas vezes para a zona confusa que medeia entre o legal e o ilícito, ou penetra em cheio no domínio da delinqüência.

As oligarquias a nível local atuaram de uma forma singular com suas especificidades, desta maneira surgiu à necessidade de realizar uma apreciação comparativa entre o dois personagens para analisarmos as estratégias de poder e sobrevivência nos vínculos parentais e políticos das oligarquias paraibanas em diferentes padrões de organização política, diante de períodos cronológicos distintos e indivíduos que possuíam a marca do sobrenome e descendência em suas diversas tentativas de perpetuação, para percebemos a concepção do poder entrelaçado no campo simbólico, à tentativa de caminhar em direção ao poder, um caminho que apostou no prestígio e dominação como aspecto de pertinência e

³⁹ O Federalismo caracterizava-se pela descentralização do poder central em que cada estado poderia agir de acordo com seus interesses.

⁴⁰Os votos de cabrestos resultam em grande parte de uma relação entre o coronel e seus dependentes dentro dos seus domínios.

continuidade, as redes de relações que foram adquiridos durante a trajetória do seu pai o impulsionou em seguir carreira política e garantir status social.

3.1 A HERANÇA IMATERIAL: A CONTINUIDADE DO PODER POLITICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889 - 1930)

Como aspecto de descendência tornou-se freqüente na Paraíba a utilização em derivar nomes pertencentes a ascendentes diretos, atribuindo tanto o nome próprio quanto o sobrenome do indivíduo⁴¹ Eufrásio de Arruda Câmara conferiu a um de seus filhos o seu próprio nome, herdeiro de suas fazendas e do prestígio adquirido durante sua trajetória, Eufrásio Cavalcanti de Arruda Câmara membro predominante da elite local, conhecido como yoyo Eufrásio, residiu no engenho São José de Cabaças, onde também nasceu, foi delegado geral do estado do estado da Paraíba, político , adiantado lavrador e criador. ⁴².

Figura 2: Eufrásio Câmara



Fonte: Acervo da Família Arruda Câmara

Os títulos angariados serviam propriamente para exaltar a importância e o prestígio de um grande coronel, como forma de obter benefícios futuros ou manter sua liderança, Eufrásio Câmara adquiriu o diploma⁴³ de sócio bem feitor do Real

⁴¹ LEWIM (1993, p. 120)

⁴² Ver www.araujo.eti.br, genealogia pernambucana;

⁴³ Diploma de n. 158 conferido no dia 18 de agosto de 1915

Hospital Português de Beneficência em Pernambuco desde sua fundação e ao longo de seus mais de 150 anos de existência indivíduos concediam generosos donativos⁴⁴ a nível local teve uma importante participação na construção do colégio Nossa Senhora do Rosário em Alagoa Grande fundado em 1919 e administrado pelas Irmãs Dorotéia, a primeira aluna da instituição foi sua filha Auta de Arruda Câmara⁴⁵ o terreno foi comprado e doado por ele. O diploma⁴⁶ de sócio efetivo da Sociedade Nacional de Agricultura e membro fundador da Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura⁴⁷.

Casou- se com Maria Amélia Procópio⁴⁸ em Campina Grande em 14 de fevereiro de 1906 na igreja Nossa Senhora da conceição em Campina Grande, tiveram quatro filhos⁴⁹, sua primeira filha auta Arruda Câmara Azevedo nasceu em Campina Grande, o segundo Ado de Arruda Câmara na fazenda Juá- PE, os dois últimos João e Ney de Arruda Câmara na fazenda Sapé, na época pertencente à Alagoa Nova.

FIGURA 3: Maria Amélia Cavalcanti de Arruda Câmara



Fonte: Acervo Digital FUNDARJ

⁴⁴ Este foi fundado em Pernambuco em meados do século XIX no intuito de tratar gratuitamente as vítimas de uma epidemia de cholera- morbus, que assolou o Brasil e em grande quantidade em Pernambuco. SILVA v.25, p.30, 1960

⁴⁵ (SILVA, Robson de Oliveira) 2014, p.19

⁴⁶ Rio de Janeiro, 4 de abril de 1922, n.5421

⁴⁷ Os diplomas citados encontram- no interior do casarão da fazenda Sapé

⁴⁸ O pai dela foi o Prof. Clementino Gomes Procópio grande personalidade da educação campinense, fundou o colégio São José

⁴⁹ Ver site [https:// www.myheritage.com.br](https://www.myheritage.com.br) , genealogia da família Pereira de Mendonça Procópio.

A Herança imaterial⁵⁰ começa a partir da história de vida de um personagem: Eufrásio Câmara tomou para si o papel de sucessor, um papel social de um prestígio acumulado, ocupou o lugar de protagonista político após a morte do pai uma forma de estratégias de controle e sobrevivência biológica que está, por exemplo, nos sobrenomes que funcionavam como projeção de honra da família, serviam para fixar as redes de dominação no campo político e social⁵¹. Segundo Lewin (1993, p.113) para os políticos da oligarquia estadual na Paraíba, o pertencer a uma parentela, uma família extensa, constituía a sua mais importante afiliação organizacional.

Eufrásio Cavalcanti de Arruda câmara político, fazendeiro, lavrador e criador, no ano de 1891 foi nomeado Capitão da Oitava Companhia do Décimo Primeiro Batalhão da Guarda Nacional das comarcas do Ingá e Campina Grande⁵², O prestígio do título passou a constituir sedução muitas vezes infalível na técnica de captação dos chefes locais. E a República continuaria a utilizar o processo durante muito tempo⁵³. o documento patente encontra-se no interior do casarão da fazenda Sapé.

Possuía um temperamento impulsivo envolveu-se no crime em que foi assassinato na povoação de Matinhas á tardinha de 1883, o Tenente Coronel José André Pereira de Albuquerque⁵⁴ presidente da intendência de Campina Grande a tiros de revólver. Em muitos casos as absolvições haviam constituído a regra em caso de vingança⁵⁵. Em 1890 o mesmo se envolve em outra trama, a intendência de Alagoa Nova adotou uma postura para por fim a feira da povoação de Matinhas, pois ainda não havia posta em execução por causa do pedido de 300\$00 contos de réis aos habitantes da mesma povoação, a que finalmente se negaram. Por conseqüência apareceu o presidente da intendência, cidadão João Felipe da Cunha acompanhado de quatro praças com o fim de desfazer a feira que já estava formada, houve protestos generalizados, e o cidadão Eufrásio Câmara se colocou a frente dos feirantes e fez com que a dita força se repelisse esta ameaçando voltar depois para

⁵⁰ O conceito de Herança Imaterial, Giovanni Levi parte da análise posópografica, a possibilidade de engendrar o poder não apenas em seu potencial demográfico, mas também a posição social ao prestígio e a riqueza de um indivíduo ou grupos que permitem acumular, os comportamentos de certo tempo ou espaço.

⁵¹MARIANO, 2005, p. 106

⁵²O Estado da Paraíba: Periódico Político e social e noticioso – Orgão republicano (PB), 1891, Ed. 148, p.1

⁵³ LEAL.,P. 108

⁵⁴ (SALES, Borges de.) Alagoa Nova Notícias para sua História, 1990, p. 111

⁵⁵ LEWIN, 1993, p.367

ensinar aquela “cambada.”⁵⁶ Os grandes chefes políticos se colocavam muitas vezes em frente a causas sociais.

Veremos isso no que dar, o cidadão Eufrásio de Arruda Câmara, é irmão do comandante de polícia e do promotor da capital, genro do governador, e, portanto pode considerar-se da família, se o exemplo pegar as intendências ficará em mãos lençóis. *Gazeta do Sertão* (1890, p.1)

As estruturais familiares organizavam-se acentuando a desproporcionalidade do poder político e econômico, os clãs familiares, o clientelismo interligado com o poder da parentela, geravam uma rede de relações muito amplas, interligavam desde parentes á amizades políticas, estruturadas por vastas pluralidades funcionalistas no intuito de estabelecer conexões, divergências e influências políticas. Tornavam-se muito mais fácil conseguir se sobressair de algumas situações e reafirmar os vínculos com as bases políticas e familiares.

As divergências alcançaram o nível familiar e parental no que gerou uma determinada fragmentação grupal, este possuía uma rixa pessoal com o próprio irmão denominado Rozendo de Arruda Câmara, em uma ocasião o individuo Eufrásio Câmara reuniu uma dúzia de paisanos sob seu comando saíram de seu engenho Cabaças partiu em diligência pela manhã, rumo à casa do seu irmão, pronunciado em crime de morte, que por ventura havia sido absorvido pelo júri, e como não se encontrara no sítio João Ferreira em que morava com sua família, quebraram as portas da casa e a saquearam levando farinha, feijão, rapaduras e fumo, entre outras coisas, á noite repetiram a diligência e o saque, deixando a casa completamente deteriorada e vazia de gêneros alimentícios. Eufrásio Câmara cultivava um ódio e aspiração em assassinar seu irmão Rozendo e em determinado momento deixou de considerá-lo como membro pertencente ao grupo familiar.

Provavelmente Rozendo já não pertencia á família, Lewin (1993, p.118) afirma que muito freqüentemente pelo não cumprimento das obrigações as regras particulares ocorriam à expulsão do infrator do núcleo parental, seu nome não se encontra no processo de inventário, mas sabe-se que ele existiu, diante das diversas notícias de alguns periódicos do século XIX. Os paisanos que o acompanharam durante o ato de perseguição, eram soldados cujo comandante era Alferes Almeida e Albuquerque.

⁵⁶ Gazeta do sertão: Orgão Democrático- Publicação semanal (PB), 1890, Ed. 22

Delegado de polícia deste termo dê providencia para que a força pública pelo menos não autorize com a sua presença a semelhantes atos de vandalismo, próprio de um país sem lei, confirmo que ele saberá manter, ou antes, restabelecer a disciplina de sua força. *Gazeta do Sertão (1890, Ed. 16, p.1)*

A figura do delegado ou subdelegado de polícia abarcava os interesses da situação dominante do município na relação entre o estado e o chefe político⁵⁷, acabam sempre fazendo vistas grossas neste caso a facilitação de favores ou fechar os olhos as perseguições dos adversário e inimigos políticos. O clientelismo se sustentava como troca de favores entre políticos e homens de influência para obter vantagens. “Os coronéis possuíam idênticas qualidades e ostentavam os mesmo defeitos, imperava o mandonismo. Acoitavam desviados da lei possuíam um arsenal privado”. Sales (1992, p.112) segundo o autor Eufrásio Câmara possuía dentro de seu casarão na Fazenda Sapé uma sala que continha um depósito de armas.

Elegeu-se deputado estadual em 1900 pela chapa Venancista⁵⁸, onde na mesma ocasião daria posse João Tavares como Governador do estado, possuía uma vida política agitada e sempre apresentou tentativas de se firmar no poder, chegou á aliciar uma facção do partido, no entanto Tavares sempre neutralizava suas investidas. Sobre sua facção o grupo era pequeno, vigilante e ativo, apelidados de cascudos. Em 1913 ocorreria a renovação do conselho municipal de Alagoa Nova em um comício em Esperança pelo grupo dos cascudos liderados por Eufrásio⁵⁹, onde também se encontravam seus adversários Dr. Manuel Tavares e Neiva Figueiredo, ocasionando tensões políticas a ponto de deixar os próprios correligionários apreensivos. Nessa ocasião o comício acabou forçadamente pelas tensões que sucederam.⁶⁰ A oligarquia dirigente do município ficava atrelada ao compromisso de apoio incondicional ao executivo estadual e este, em contrapartida, dava-lhes plena liberdade de atuação.

⁵⁷ LEAL, 2012, p. 66

⁵⁸ A oligarquia Neiva-Lucena assumiu o controle da Paraíba quando o governo central em 1889 nomeou Venâncio Neiva para o governo do estado. Ver Lewin (1993, p. 21) Venâncio Neiva foi o primeiro presidente republicano na Paraíba(1889-1891) criou o partido autonomista e utilizou da maquina do estado ocupando cargos e beneficiando suas famílias conseguiu estruturar sua oligarquia.

⁵⁹ A composição de cada família oligárquica de cada facção se definia pela coligação de parentela (famílias extensas), e sua denominação é identificada ao seu líder político de maior destaque , chefe do partido.(GURJÃO, 1999, p.61)

⁶⁰ SALES, 1992, p.112

No contexto de 1913, Eufrásio tentava se consolidar efetivamente no meio político no controle dos cargos locais e partiu em nomear para cargo de prefeito sob a concordância do presidente Castro Pinto numa tentativa de entendimento das duas alas oposicionistas, o grupo dos Tavares e a facção eufrasista, lideravam os chefes das famílias que lutavam pelo poder local. Eufrásio partiu em indicar um nome para cargo de prefeito o indivíduo Teotônio Tertuliano da costa, abastardo comerciante em Esperança, os Tavares concordaram com a nomeação este assumindo o cargo em dezembro⁶¹. Percebemos neste caso os chamados “arrumadinhos”, muito antes da concretização do resultado das eleições já se sabia quem seria o vencedor, sobre essas prerrogativas Gurjão (1999, p.56) afirma que por ocasião das eleições os chefes políticos costumavam falsear os votos e os resultados das urnas contabilizando votos existentes ou não para seus candidatos, assim a legislação eleitoral favorecia os coronéis na medida em que controlavam e manipulavam as eleições. “Aos candidatos a cargos sufragados não resultam de uma seleção espontânea, mas de uma escolha mais ou menos forçada”. (Leal, 2012, p. 70)

Os seus domínio de terras em Alagoa Nova foi marcada por uma relevância histórica importante de benefícios conferidos pelo estado, na época dos Oliveiras Ledo criaram reservas para os índios Bultrins, estes logo desapareceram em razões de doença, fome e escravidão, durante este período não se deu muita importância as Sesmarias dos Bultrins, que foi sendo ocupada por posseiros. Somente na República o terreno foi legado ao estado da Paraíba que procurou regularizar sua posse, o governo estadual passou a responsabilidade para o município a administração da propriedade e os políticos locais dividiram entre si, os títulos de enfiteuses, conferia o direito o uso da terra. Beneficiaram-se Eufrásio câmara e a família Tavares Cavalcanti.

Durante muito tempo essas terras foram ocupadas por sitiantes na fazenda devoluta, no entanto posteriormente começaram a ocorrer conflitos a fim de expulsar os lavradores. As relações trabalhistas eram conturbadas, Eufrásio câmara não só ameaçavam os trabalhadores como também lutavam entre si no que propiciou uma guerra aberta, os trabalhadores eram expulsos das terras no contexto em que era utilizada mão de obra livre para a produção e trabalhadores temporários⁶². O

⁶¹ MARIZ, Celso. (3 ed. P.113)

⁶² RIBEIRO, 2003, p. 67

poder dos coronéis agravou a condição de vida dos trabalhadores, levando a muito deles recorrerem às migrações.

Sempre fazia visitas á Alagoa Nova acompanhado por homem de sua inteira confiança chamado de Inácio Cassemiro e uma cachorra que atendia pelo nome de pilôia. Esperava-se que os grandes chefes locais fizessem desfilar com seus guarda costas pessoais e seus dependentes e partidários. Segundo relatos de populares possuía um gênio vingativo, e em sua Fazenda Sapé existia uma prensa para matar e castigar os seus opositores e trabalhadores, não sabe ao certo se há veracidade neste fato, mas o que é interessante percebermos como certas representações de indivíduo se perpetuam ao longo do tempo, nas memórias do meio coletivo.

Sua carreira chega ao fim em 1923, ano em que foi assassinado na povoação de Matinhas, em um dia de domingo foi pego por uma emboscada quando retornava em direção a sua Fazenda Sapé que se localizava entre Campina Grande e Alagoa Grande, morreu aos 50 anos deixando sua esposa e quatro filhos pequenos. Possuidor de várias relações, durante sua carreira cultivou muitos inimigos, e naquele contexto estava um pouco afastado da carreira política.⁶³ Chefe da facção oposicionista no município de Alagoa nova foi morto na povoação de Matinhas⁶⁴. Começou a sentir nos últimos anos de sua carreira as conseqüências dessas relações de força que culminou em um acerto de contas. O assassinato por razões políticas durante a Primeira República se intensificou e marcou o fim da trajetória de Eufrásio Câmara. Há de ser sempre lembrado como o senhor do Engenho Sapé, altaneiro e impetuoso⁶⁵. O poder acaba pregando peças nos homens⁶⁶.

Segundo Foucault o poder não existe, o que se tem na verdade é um conjunto de relações, organizado, hierarquizado. “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.” (Foucault, 1982, p. 101) neste caso a violência política por conseqüência dessas manifestações se estabeleceu da maneira mais fácil: sua morte. Para Leal, em política ninguém pratica o mal pelo mal: “recorre-se a violência quando outros processos são mais morosos, ineficazes para o fim visado”. (2012, p.66)

⁶³ Jornal Pequeno, 13/03/1923, p. 3

⁶⁴ Jornal do Comercio, 1923, n.6744

⁶⁵ MARIZ, Celso. Apanhados da História da Paraíba. A União (Ed. 3, p. 102)

⁶⁶ BALANDIER, (1980, p.29)

Durante a República Velha a corrupção e a violência caracterizavam as disputas entre as oligarquias situacionistas e oposicionistas dos municípios. Os Coronéis mandavam seus “cabras” emboscar e agredir seus adversários quando não aglutinavam com os bandos de cangaceiros para fazer o serviço⁶⁷. “Para os amigos pão e para os inimigos pau” a relação marcada pela hostilidade na perseguição aos adversários⁶⁸. O autor do assassinato indivíduo Afonso André foi preso e condenado a 30 anos de prisão pelo júri de Alagoa Nova sob o auxílio do advogado Dr. Otávio Amorim.⁶⁹

O casarão que o pertenceu na Fazenda Sapé, encontra-se em bom estado, muitos dos móveis contribuem para manter uma relação de afetividade, representação do passado e preservação da memória de Eufrásio Câmara. Durante alguns momentos tornou-se ponto de encontro de seus amigos correligionários, em uma dessas visitas para um almoço, um dos indivíduos ao se deparar com seu arsenal de armas, exclamou: a República do Sapé!⁷⁰

Figura 4: Casarão da Fazenda Sapé



Fonte: Acervo Pessoal da autora. 2007

⁶⁷ GURJÃO, 1999, p.56

⁶⁸ LEAL, 2012, p. 60

⁶⁹ Diário de Pernambuco (PE) 1934, ed. 206, sobre o Coronel Eufrásio Câmara o retrata como adiantado fazendeiro e prestigioso político no município de Alagoa Nova

⁷⁰ SALES, 1999, p. 112

O casarão localiza-se na zona rural de Matinhas onde estava situada a casa de farinha, armazéns de cereais e o engenho de rapadura, que se encontra em ruínas devido o desgaste do tempo, mas ajuda a compor o cenário de um período em que a nível local as relações eram marcadas pela exploração e subjugação do ambiente rural, “Certamente, a Paraíba do início do século XIX, era uma área mais rural do que urbana tal característica se manteve até a primeira década do período republicano.” (Rocha, p.93, 2009) Nos arredores do engenho também se produzia lavoura de subsistência (principalmente mandioca e feijão) para atender á população rural e do meio urbano. Muitas pequenas propriedades rurais importantes áreas produtoras de alimentos e abastecimento de moradores e do comércio da província, relacionado com o cultivo da cana de açúcar economicamente estava favorecida pelas condições climáticas e geográficas.

Figura 5: Ruínas do engenho



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2017

4. CONCLUSÃO

“Resgatar” a história local a partir de um personagem nos oferece um campo vasto de possibilidades para destrinchar contextos históricos, buscando uma versão diferente na construção das identidades sociais diante das multiplicidades de suas experiências. As relações de poder na Paraíba durante o recorte temporal estudado se definiram e se redefiniram diante das novas condições, políticas, econômicas e sociais que foram surgindo, muitas famílias das oligarquias paraibanas se reinventaram para preservar os seus domínios ao longo das gerações.

A era do mandonismo se efetivou, sobretudo como uma relação de força em que muitos faziam e estabeleciam suas próprias leis, o banditismo e os acertos de conta refletiam nas esferas do cotidiano. A sobrevivência das oligarquias se efetivou em virtude da dinâmica social e do seu poder econômico relativamente elevado, no plano municipal a erosão do controle social se perpassou durante a passagem do século. A sobrevivência do coronelismo se baseou diante das estruturais sociais, em localidades em que as condições de vida eram relativamente precárias marcadas pela exploração e pobreza.

Na Paraíba os esquemas de dominação oligárquica, através de sucessivos arranjos se mantiveram estáveis durante a República Velha, no entanto em um dado momento no fins da década de vinte. Procurou-se expandir o papel do governo estadual em detrimento das prerrogativas locais.⁷¹ Segundo Lewin a mobilização popular para cortar o mal pela raiz foi realizada pelo governador João Pessoa nos final dos anos 1920 estabeleceu-se no sentido de desafiar o mandonismo. “O governador encontrou apoio para suas reformas anticoronelistas, entre os pequenos sítiantes, os lavradores dependentes e os trabalhadores, assim como entre a baixa classe média urbana e a classe trabalhadora”, (1993, p. 362) a centralização política foi o fator que conduziu os governadores do estado da Paraíba a impor sua autoridade sobre o interior.

O estudo das elites locais em sua multifacetada e diferentes formas de se reinventar, em um período de quase total exclusividade de dominação da sociedade pelos grandes proprietários de terras, como um verdadeiro centro de poder, o público e o privado convergia e divergia a todo o momento, diante da força disciplinadora dos

⁷¹ LEWIN, 1993, p. 361

senhores de terra. O Imaginário Ilumina o fenômeno político: a violência é apaziguada pelas operações simbólicas. A materialização de uma nova era como fator de continuidade apresenta as formas de sua duração em face dos homens e das gerações que passam e de seus súditos que morrem.

Ao estudar os dois personagens diante do fenômeno do mandonismo e do coronelismo estes se resguardavam em certas regalias de poder, poderiam escapar das penas de crimes por vingança, devido sua posição social. Organizavam em verdadeiros bandos para cometer perseguições e escrúpulos, os indivíduos atuam com suas próprias estratégias diante da realidade, conseguindo modificar e condicionar as relações.

A Biografia tomou corpo, sentido e complexidade sob um viés de permitir um começo, fim e uma determinada continuidade. O lugar de pesquisa das fontes tornou-se um campo vasto para explorar e estudar a vida política, social, ao propiciar um longo debate sobre as estratégias e comportamentos individuais e as mais diversas maneiras para manter a transmissão do poder nas relações hierarquizadas. A história dos dois personagens reconstituiu elementos de comparação de um jogo social e político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Alexandre de Sá. **A retomada da Biografia Histórica: problemas e perspectivas** in: Oralidade. 2007, p. 45- 46

BALANDIER, Georges. **O poder em Cena**. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem; a elite política Imperial**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CARVALHO, José Murilo de. **Coronelismo, mandonismo e clientelismo: uma discussão conceitual**. V. 40. Rio de Janeiro, 1997

CHAVES, Elisgardenia de oliveira. As causas mortes de limoeiro- CE (1870- 1888) Silêncio, interpretações e sentidos. In: **Temporalidade Revista de História**, Belo Horizonte, 2007

FOULCALT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1982

FERREIRA, Rau. **Relatos de Campina**. Edições Banabuye, Esperança, 2012

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e Sinais: morfologia e história**: trad: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GINZBURG, Carlo. **Os fios e os Rastros: verdadeiro Falso e Fictício**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **A Paraíba Republicana (1889- 1945)** IN: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy da. Estrutura de Poder na Paraíba. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 1999, p. 53- 95

GURJÃO, Eliete de Queiroz, org. LIMA Damião. **Estudando a História da Paraíba.** ed. 2. Campina Grande, EDUEPB, 2001

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto O município e o regime representativo do Brasil.** ed. 7, Companhia das Letras, 2012

LEVI, Giovanni. **A trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Pref. Jacques Revel, trad. Cinthya Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

LIMA, Luciano Mendonça de. **Cativos da “Rainha da Borborema”: uma história social da Escravidão em Campina Grande-século XIX.** Recife, 2008

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar:** trad. André Villalobos – Rio de Janeiro, Record, 1993

MARIANO, Serioja Rodrigues.Cordeiro. **Gente opulenta e de boa linhagem e relações de poder na Paraíba -** Recife, 2005

MARIZ, Celso. **Apanhados da História da Paraíba,** 3 ed. Editora União.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Reflexão-História e História Cultural,** 3 ed. Autêntica, 2007

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008

REVEL, Jacques. (org.) **Jogo das Escalas: a experiência da microanálise.** trad. Dora Rocha - Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998

SALES, Borges de. **Alagoa Nova Notícias para a sua terra.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 1990

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo **Biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e Afastamentos**. In: Estudos Históricos. 1997, p. 3 – 21

RIBEIRO, Roberto da silva. **Pocinhos: o Local e o Geral**. 1. Ed. Campina Grande, 2003.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente Negra na Paraíba oitocentista: População, família e parentesco espiritual**. São Paulo: Editora Unesco, 2009.

SILVA, Robson de Oliveira. **Uma instituição escolar em Alagoa Grande: As irmãs Dorotéia e o coleio Nossa Senhora do Rosário (1917- 1919)** UEPB, 2014, p.19 - 44

Periódicos:

A Ordem: Jornal Político, Literário e Crítico, 1850, ed. 51, p.3

A Província: órgão do Partido Liberal (PE), 1874, ed. 168, p. 1

Gazeta de notícias (RJ) 1877/ ed. 00208 p.1

Gazeta do Sertão: Orgão Democrata – Publicação semanal (PB) 1890, ed. 22

Gazeta do Sertão, 1890, ed. 16

Gazeta do Sertão, 1890, ed. 22

O Cearense, 1875, ed. 21 p.2

O publicador, 1865. Ed.893

Jornal do Recife (PE), 1874, ed. 286, p.1

O Globo: Orgão de Agencia Americana Telegraphico, dedicado aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria, 1874, ed. 138

O Globo, 1875, ed. 72, p. 3

O Liberal de Pernambuco, 1854/ ed. 587, p.2

O publicador, 1865, ed. 985 p.1

O Publicador, 1868, v. 1733, p. 3

O Reformista, 1850, ed. 48, p. 2/ 3

O Estado da Parahyba: periódico político, social e noticioso- Orgão Republicano

Sites:

<http://www.araujo.eti.br/descend.asp?numPessoa=26368&di>

<https://www.myheritage.com.br/person-1500413.../eufrazio-de-arruda-camara>

<https://www.digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/preload.php?cod=3319>